

PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS PEQUENAS NA CRECHE POR MEIO DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

PARTICIPATION OF SMALL CHILDREN IN A DAY CARE CENTER THROUGH THE SPACE ORGANIZATION

Cristiane dos Santos Farias

Universidade Estadual de Londrina (UEL)
crispajopa@gmail.com

Cassiana Magalhães

Universidade Estadual de Londrina (UEL)
magalhaes.cassiana@gmail.com

Resumo: *Este artigo tem como objetivo discutir as possibilidades de participação das crianças pequenas na creche por meio da organização do espaço. A questão norteadora do estudo foi: Como a organização do espaço pode criar necessidades de participação das crianças da creche? Partimos do pressuposto que as crianças aprendem com os adultos e com seus pares, nesse sentido, a creche pode ser um lugar privilegiado de convivência e aprendizagem. Outra constatação é a de que quanto mais ricas forem as possibilidades de exploração, maiores serão as chances de participação das crianças. Como metodologia utilizamos a observação e intervenção em um Centro Municipal de Educação Infantil da cidade Londrina-PR. Para análise dos dados foram selecionadas algumas cenas observadas e discutidas à luz da Teoria Histórico-Cultural. Os resultados mostraram que as possibilidades de participação das crianças bem pequenas na creche estão estritamente relacionadas ao modo de organização do espaço.*

Palavras-chave: *Participação das crianças; Creche; Organização do espaço.*

Abstract: *This article aims to discuss the possibilities of participation of small children in a day care center through the space organization. The guiding question of the study was: How can space organization create participation needs of day care children? Based on the assumption that children learn with adults and their peers, day care centers can be a privileged place of coexistence and learning. Another finding is that the richer the chances of exploration, the more the chances of children's participation. As a methodology, we used observation and intervention in a Municipal Child Education Center of Londrina-PR. For the data analysis, some scenes observed and discussed in the light of the Historical-Cultural Theory were selected. The results showed that the possibilities of participation of very small children in the day care center are strictly related to the way the space is organized.*

Palavras-chave: *Children's participation; Day care center; Space organization.*

Introdução

O espaço/ambiente constituem um elemento fundamental no trabalho com bebês e crianças pequenas, uma vez que, funciona de modo educativo promovendo saltos qualitativos em seu desenvolvimento. Tais experiências estão diretamente ligadas ao modo de organização do espaço em que a criança está inserida, possibilitando ou não a sua participação.

Este artigo tem como objetivo discutir as possibilidades de participação das crianças pequenas na creche por meio da organização do espaço. Partimos do pressuposto que as crianças aprendem com os adultos e com seus pares, nesse sentido, a creche pode ser um lugar privilegiado de convivência e aprendizagem. Outra constatação é a de que quanto mais ricas forem as possibilidades de exploração, maiores serão as chances de participação das crianças. No entanto, cabe questionar: Como a organização do espaço pode criar necessidades de participação das crianças da creche?

Para responder ao questionamento o estudo teve como objetivo geral: identificar as possibilidades de participação das crianças pequenas na organização do espaço. Para atingir esse objetivo foi delineado como objetivos específicos: acompanhar o trabalho de professoras que atuam no berçário de uma instituição pública municipal da cidade de Londrina-PR; Criar necessidades de participação das crianças pequenas; Identificar cenas capazes de mostrar a participação das crianças no espaço do berçário.

O estudo fez parte do projeto de Extensão intitulado: "Apropriações teóricas e suas implicações na Educação Infantil", da Universidade Estadual de Londrina. Como o projeto tem como

objetivo subsidiar a formação continuada em instituições públicas municipais, foi organizado grupos de estudos para atender a solicitação de um Centro Municipal de Educação Infantil. Partindo do interesse do grupo de professoras, focou-se o olhar para a ambientação e organização do espaço.

A metodologia consistiu em observação do dia-a-dia das crianças na creche, registros fotográficos e em vídeo, intervenções, bem como anotações no diário de campo posteriormente refletidas à luz da Teoria Histórico-Cultural. Os dados foram coletados durante um semestre de segunda a sexta-feira em horários alternados. Inicialmente houve um período de adaptação dos adultos com as crianças, para gradativamente iniciar a coleta de dados. Participaram do estudo: a professora da turma, uma discente do curso de Pedagogia, a docente da Universidade coordenadora do Projeto e um grupo de 12 crianças com idades entre 6 meses e 1 ano e 3 meses.

O espaço pensado para as crianças pequenas

Compreendemos que a educação infantil necessita de um ambiente de aprendizagem planejado e estimulante. O ato de cuidar e de educar ultrapassam os processos ligados à proteção e ao atendimento as necessidades físicas de alimentação, repouso e higiene das crianças: “A educação em sua integralidade, entendendo o cuidado como algo indissociável ao processo educativo” (BRASIL, 2010, p.19).

Para além de perceber as necessidades iniciais da criança, cabe ao professor criar novas necessidades, em outras palavras, promover o encontro da criança com a cultura por meio dos materiais diversificados, da música, da literatura, entre outras, tal qual foi realizado no projeto.

Ao perceber a organização, a rotina, o dia-a-dia da educação com as crianças pequenas, cada especificidade precisa ter um tempo dedicado a sua necessidade, seja ela de comer, de explorar, conhecer, brincar, se expressar, do sono, dos banhos e das trocas, que são essenciais para o seu desenvolvimento (MELLO, 2014).

Os espaços precisam levar em consideração a ação da criança sobre o mesmo, que visem mais interações entre criança e o espaço, descobertas e aprendizagens, pois “o lugar, por si só, não qualifica a educação, mas entendemos que é a partir dele que a criança amplia seu repertório cultural e garante seu desenvolvimento” (SOUZA, 2016, p.177).

Não é estar no espaço e sim sentir o espaço, não são as cores, a decoração, as pessoas que estão neste espaço, os materiais, a variedade de matérias, e nem mesmo os estímulos visuais, mas a interação e envolvimento com tais elementos que o espaço proporciona às crianças, por meio que “não basta a criança estar em um espaço organizado de modo a desafiar suas competências; é preciso que ela interaja com esse espaço para vivê-lo intencionalmente” (HORN, 2004, p.15).

Quando nos referimos ao espaço é visível as paredes, o chão e o teto principalmente quando nos referimos a Educação Infantil, pois cada uma dessas partes trazem possibilidades de experiências e desafios para as crianças pequenas. Nesse processo de descobertas e desenvolvimento infantil, o adulto torna-se mediador e criador de mediações entre criança e a cultura histórica e socialmente acumulada num processo de humanização.

Ao organizar o espaço, todo o contexto e as possibilidades devem estar a tona, pensando em tais provocações, interações, respeitando qual o papel das crianças nessa relação, onde o espaço “respeite a criança como sujeito e estimule sua atividade de acesso à cultura mediada por parceiros mais experientes” que se faz um “caminho para garantir a elas uma educação eficaz para o desenvolvimento psicológico, físico, social e cultural” (VIEIRA, 2009, p. 23).

A construção do ambiente é um fator a ser definido quando as crianças já estão em contato com o mesmo, este espaço onde ficam e organizam de uma forma onde possam conhecê-lo e explorá-lo pelos sentidos sendo que é muito importante a facilidade de mudá-lo, reinventá-lo e criar a qualquer hora.

Diante do espaço organizado e provocativo, destaca-se a participação direta das crianças com o mesmo, pois o espaço por si só já revela o quão desperta as crianças em sua autonomia, liberdade em relação ao espaço e materiais, se é para a criança ou pela criança tal organização, a disponibilização dos móveis e se elas organizam, pensam, participam com o meio onde estão, se comunicam, aprendem a compreender e conhecer,

[...] a criança aprende em interação com outras crianças, em

um meio que é eminentemente social, como consequência, a forma como dispomos os móveis e os objetos na sala de aula, assim como os relacionamentos que se estabelecem, serão fatores determinantes no desenvolvimento infantil (HORN, 2004, p.98).

A observação é um processo complexo e dinâmico por sua multidimensionalidade das coisas que transitam interna e externamente, para observar implicam-se atitudes e processos como, atenção, percepção, memória, comparação, discernimento e reflexão.

A observação gera mudanças no espaço e nas relações que comportam este ambiente, observar assim a infância, as competências, as possibilidades, poder acompanhar e transformar para então conquistar e conseguir mudanças significativas nos desenhos das propostas educativas. “Um espaço escolar deve ter profissional qualificado e interessado em tentar mudar o que não está propício para o exercício de suas funções, buscando promover mudanças físicas, cronológicas, estruturais, lúdicas, etc.” (SOUZA, 2016, p.176).

O espaço permeia todas as relações de exploração e aprendizagem da criança pequena, organizá-lo e pensá-lo é uma das ações que poderão propiciar seu desenvolvimento, pois o espaço/ambiente se constitui como um terceiro educador. Segundo Horn (2004, p.15),

O olhar de um educador atento é sensível a todos os elementos que estão postos em uma sala de aula. O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como crianças e adultos ocupam esse espaço e como interagem com ele são reveladores de uma concepção pedagógica.

A percepção e valorização do espaço para elencar saltos qualitativos ao desenvolvimento das crianças deve ser um aspecto primordial na educação infantil, que garantam os direitos das crianças de explorar, sentir, comunicar, ver, olhar, pegar, levar a boca, saborear, inventar, criar, modificar, ter movimento nos espaços destinados ao aprender e se adequam às necessidades, e aos processos de aprendizagens, tal qual o documento retrata a criança

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (DCNEI, 2010, p. 12).

O bebê quando tem possibilidades e aprendizagens ao seu redor, deixa claro que “são seres que já têm vontade, têm consciência sobre o que querem, sabem decidir e dizer o que querem”. Eles observam, olham e se locomovem no espaço e ao interagirem “utilizam seu poder de decisão, seu corpo e os canais do conhecimento, que são seus órgãos sensoriais (o tato, o paladar, o olfato, a audição e a visão) para explorar esse mundo” (BRASIL, 2012, p.110).

Ambiente provocativo a exploração do bebê

Sempre pensando em proporcionar um ambiente acolhedor e provocativo, as experiências vivenciadas pelos bebês e descritas neste estudo, o ambiente foi uma referência de êxito. Através de um planejamento em que o envolvimento dos bebês quase sempre se faz presente na construção deste ambiente com a exploração sensorial. Antes de se tornar parte do espaço, cada elemento novo é apresentado e explorado pelas crianças pequenas que podem ou não modificá-los.

Os espaços precisam ser trabalhados e ter sentido para as crianças, ou seja, não se organiza qualquer espaço e sim algo característico para as crianças que o frequentam. Podendo assim ser construídos, elaborados e organizados para elas e com a participação delas, que contenham as propostas realizadas em sala, brincadeiras, os espaços que elas mais gostam de brincar e ficar, pois as crianças demonstram suas preferências, construindo assim um ambiente que favorece seu desenvolvimento.

[...] faz-se necessário pensar e oferecer um espaço educacional significativo, feito para a criança e também pela criança, um espaço bonito, cálido, familiar, alegre, com diversos materiais e objetos acessíveis nos mobiliários em altura adequada para as crianças para que elas possam desenvolver atividades do seu interesse, criar novos interesses e expressar sua autonomia, sua criatividade e seu respeito às regras desenvolvendo a ética, o respeito ao outro, sua identidade e sua sociabilidade (VIEIRA, 2009, p. 18).

Desse modo deve-se pensar também sobre os objetos, a diversidade, a interação das crianças, proporcionar momentos de diálogos e de escuta, que auxiliam e provoquem perguntas, dúvidas, respostas e curiosidades para dentro do ambiente escolar, estes momentos tendem a gerar projetos e ser trabalhados pelo professor de maneira que as crianças possam aprender grandes lições oriundas deste momento de escuta e de observação. Para as crianças que ainda não se comunicam verbalmente, é fundamental o conhecimento sobre como os bebês aprendem por parte do professor. Neste contexto, o papel do professor é de um mediador do conhecimento, que assim irá proporcionar saltos qualitativos ao desenvolvimento das crianças pequenas.

O espaço ambientado também permite interação com a comunidade, podendo resgatar valores das famílias, sua própria identidade e inserindo a creche ou pré-escola em um contexto maior.

Os espaços destinados a crianças pequenas deverão ser desafiadores e acolhedores, pois conseqüentemente, proporcionarão interações entre elas e delas com os adultos. Isso resultará da disposição dos móveis e materiais, das cores, dos odores, dos desafios que, sendo assim, esse meio proporcionará às crianças (HORN, 2004, p. 16).

O ambiente de educação da criança pequena varia muito de cultura para cultura e é por meio do planejamento adequado, estruturado em uma linha teórica, que o trabalho docente reflete resultados positivos.

Por meio da teoria Histórico-Cultural compreendemos como a criança aprende e se desenvolve em seu processo de humanização, partindo da periodização do desenvolvimento infantil percebemos qual é a atividade principal em cada período, em outras palavras, a atividade que governa as principais mudanças na vida da criança.

O primeiro ano do bebê na periodização é marcado pela *“comunicação emocional direta”*, de um a três anos aproximadamente, ressalta-se a atividade objetual manipulatória e de três a cinco anos aproximadamente o jogo de papéis ganha espaço privilegiado.

Na turma observada apareceram tanto a atividade de comunicação emocional direta, no entanto, já engendrando a nova atividade, qual seja, objetual manipulatória. A compreensão do psiquismo humano implica no conhecimento da unidade que é material e ideal na qual ocorre a construção em cada sujeito, de uma imagem que é subjetiva, sendo esta captada de uma realidade objetiva. Essa captação ocorre por meio das funções psíquicas superiores, que conforme desenvolvidas, significam a evolução humana (MAGALHÃES e EIDT, 2015).

Os bebês referenciados neste texto, se encontravam no primeiro período, a emocional direta, tendo como atividade acessória de transição a objetual manipulatória, *“o trânsito entre os períodos possibilitam a relação entre processos afetivos e psíquicos no qual a criança evolui gradativamente”* (FARIAS, 2016, p.78).

A transição de um período de desenvolvimento infantil para outro é marcado por crises, que surgem no limite entre duas idades e delimitam o fim de uma etapa precedente de desenvolvimento e o começo da seguinte,

Cada época consiste em dois períodos regularmente ligados entre si. Inicia-se com o período no qual predomina a assimilação dos objetivos, os motivos e as normas da atividade humana e o desenvolvimento da esfera motivacional e

das necessidades. Aqui se prepara a passagem ao segundo período, no qual tem lugar a assimilação predominante dos procedimentos de ação com os objetos e a formação das possibilidades técnicas operacionais (ELKONIN, 1987, p.123).

A importância de conhecer estes períodos possibilita a mediação adequada, a fim de que o desenvolvimento e a aprendizagem aconteçam considerando saltos qualitativos, onde a transição aconteça com tranquilidade, a saber

A sequência e o conteúdo dos estágios do desenvolvimento não só se alteram mas se produzem historicamente, com a mudança do lugar ocupado pela criança no sistema de relações sociais. Não é, portanto, a idade cronológica da criança que determina o período do desenvolvimento psíquico em que ela se encontra, razão pela qual todas as referências que fazemos a idades ao discutir a periodização são relativas e historicamente determinadas (PASQUALINI, 2009, p.6).

As condições de vida e educação portanto, acarretam diretamente no desenvolvimento das crianças. O trabalho realizado com as crianças pequenas em um espaço intencionalmente organizado para e com elas, pode criar possibilidades de participação.

Nas cenas a seguir, recortadas em imagens poderemos observar como a ambientação do espaço pedagógico pode contribuir com a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças. Lembrando que, o espaço da escola não é lugar de enfeite e decoração, ao contrário, é um espaço rico e promotor do desenvolvimento infantil, sendo que a construção do ambiente advém dos projetos que são desencadeados pelas crianças e professoras. Na imagem a seguir o bebê manipula tinta comestível para produzir um globo terrestre que será utilizado na sala para ambientação do projeto, ou seja, tem um motivo para pintar, não se pinta qualquer coisa, não se coloca na sala algo que não faz sentido para aquele grupo de crianças.

Figura 1- Bebê manuseando tinta comestível em pintura de globo



Fonte: arquivo das autoras

No manual de orientação pedagógica que versa sobre o brincar nas Diretrizes Curriculares da Educação Infantil, a criança é cidadã, e assim pode escolher e ter acesso aos brinquedos e objetos. O fato dela ser pequena não a impede de tomar algumas decisões, escolher objetos, espaços e pessoas com quem quer interagir. O documento diz que se deve garantir experiências que promovam o “Conhecimento de si e do mundo por meio das experiências sensoriais, expressivas e corporais para movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança” (BRASIL, 2010, p.25).

Antes da realização dos grupos de estudos e da gradual apropriação teórica sobre periodização e sobre ambientação, a concepção das professoras era de uma sala como um espaço muito “bonito”, todo decorado com personagens do universo infantil, E.V.A, isopor, enfim a sala linda para receber as crianças e tal decoração durava o ano todo, pois, de acordo com as professoras, as crianças não conseguiam tocar por estar longe de seu alcance e com isso, não estragavam aquilo que chamavam de decoração. Essa concepção não é mais a mesma, atualmente defendem um espaço pensado com a criança por meio daquilo que organizam e da observação que fazem quando estão explorando este espaço.

Figura 2- Bebê explorando a rede suspensa de utensílios de cozinha



Fonte: arquivo das autoras

Desde este entendimento, o espaço ambientado passou a ter movimento, ou seja, alternância constante com novas possibilidades às crianças. Conforme a *figura 2* nos mostra, onde uma rede com utensílios domésticos foi inserida no espaço, ficando disponível para experiências dos bebês no momento em que desejarem fazê-lo.

O primeiro passo foi disponibilizar a caixa de utensílios durante uma semana para que os bebês pudessem manipular a vontade. Na segunda semana, foram dispostos os objetos suspensos em uma rede, o que causou interesse nos bebês, onde os balançavam e buscavam sons das batidas provocadas.

Ancorados na teoria Histórico-Cultural compreendemos a importância dos objetos para o desenvolvimento das crianças,

[...]ao final da metade do primeiro ano de vida, a relação direta entre criança e adulto vai se esgotando como fonte de desenvolvimento, pois a criança passa a se interessar não mais centralmente pelo adulto, mas sim pelos objetos por ele

manipulados (MAGALHÃES e EIDT, 2015, p.5).

Este novo período reporta o objeto como veículo de assimilação dos conhecimentos transmitidos historicamente, sendo imprescindível a ação do parceiro mais experiente para demonstrar o uso destes objetos. A criança se relaciona com o mundo em seus três primeiros anos de vida por meio da interação com o adulto e manipulação de objetos e é nessa interação que nasce a brincadeira “[...] vai revestindo de ações humanas a manipulação de objetos [...]” (ELKONIN *apud* ARCE e SIMÃO 2006, p.71).

Partindo desse olhar, deflagrado pela teoria durante os estudos, a organização do espaço mudou muito, antes deixavam as caixas sempre fechadas e distantes do alcance das crianças, pois poderiam estragá-las conforme o entendimento anterior das professoras, e não de acordo com o desejo da criança. Desta forma, “A acessibilidade de espaços, materiais, objetos, brinquedos” (BRASIL, 2010, p.19) passam a ser contemplados no trabalho. Hoje, fica tudo acessível às crianças, pois se compreende que de fato já são sujeitos de direitos, e devem ser respeitadas nas pequenas decisões também.

O ambiente muda conforme o planejamento, o movimento se faz sempre presente, também o espaço externo, o entorno do CMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) é bastante utilizado, sendo que os bebês ficam muito tempo na instituição, as DCNEI (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil) apontam que: “Os deslocamentos e os movimentos amplos das crianças nos espaços internos e externos às salas de referência das turmas e à instituição” (BRASIL, 2010, p.20) compõem o espaço amplo, necessário para a qualidade de vida da criança.

É importante ressaltar que a característica fundamental do “[...] recém-nascido é a sua capacidade ilimitada para assimilar novas experiências e adquirir as formas de comportamento que caracterizam o homem” (MUKHINA, 1996, p. 76), por isso a relevância da oferta dessas experiências no espaço educativo.

Muitos dos materiais que pertencem ao grupo podem ser explorados em outros espaços, um exemplo é o “Cesto de Tesouros” que podemos transportar para outras áreas da instituição. Ele reúne e oferece uma rica atividade com muita variedade de objetos do uso cotidiano, escolhidos para propiciar estímulos a eles diferentes sentidos.

Figura 3: Espaço natural – explorando o “Cesto do Tesouro”



Fonte: arquivo das autoras

Um documento organizado pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2012) sugere a construção do cesto partindo de uma pesquisa na comunidade, verificando junto às regiões os objetos de uso cotidiano. Visando contribuir com a organização do cesto, o documento sugere ainda uma lista com materiais diversos distinguindo-os em: Objetos da natureza, objetos feitos com materiais naturais

ou outros materiais de uso cotidiano, objetos de madeira, objetos de metal, objetos de couro, têxteis, borracha e pele, objetos de papel e papelão.

No entanto, é válido ressaltar que o professor assume um papel fundamental, permitindo que a criança comece a compreender a função social dos objetos no interior da prática social humana (MAGALHÃES; LAZARETTI; EIDT, 2015).

Nesta direção, quanto maior a oferta dos objetos e melhores as interações promovidas entre professores e crianças, melhores serão também as possibilidades de participação e envolvimento, em outras palavras, o professor cria novas necessidades, chama a atenção para o modo de manipular os objetos, produz sons e garante por meio desses recursos o envolvimento das crianças.

O uso deste recurso do Cesto de Tesouro cotidianamente fez a diferença qualitativa no trabalho, pois garantiu que vários elementos da cultura da criança fossem incorporados na vivência, como eles são variados, asseguraram a riqueza das experiências dos bebês.

De acordo com as DCNEI é incumbência da Educação infantil que: “Promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança” (BRASIL, 2010, p.25).

Da mesma forma, as melecas, elementos naturais, frutas, luzes e sombras, cores, transparências, etc. são elementos bastante utilizados no planejamento. Os bebês gostam muito das novidades que oferecemos a eles, e de explorar todo o ambiente.

O professor deve observar e estar atento às necessidades apresentadas por cada bebê, devendo este, respeitar os limites, tempo e preferências de cada um em todo o processo. A abordagem humanizadora ao trabalhar com bebês faz que observemos suas necessidades inclusive na sua forma de se comunicar pela linguagem compreensiva de manifestações simbólicas em diversas situações educativas, pois estas revelam a possibilidade de conhecê-los e de refletir sobre a importância do papel mediador dos adultos das interações com as crianças, e das intervenções pedagógicas nos processos de constituição do eu infantil (VIEIRA, 2011).

Considerações finais

Neste estudo foi possível observar o quanto a participação das crianças, especialmente das muito pequenas, depende diretamente das concepções do adulto, no caso da escola, da professora. Na medida em que a professora foi estudando e percebendo a importância da organização do espaço para a promoção do desenvolvimento da criança, foi buscando maneiras por meio da pesquisa teórica, de diálogos, de estudo dirigido pelo Grupo de extensão, de enriquecê-lo.

Na turma observada a participação apareceu tanto nas construções do que iria compor a sala, quanto na exploração dos objetos e materiais disponibilizados. A compreensão por parte da professora do seu importante papel na humanização das crianças possibilitou a criação de alternativas, seja na apresentação de novos elementos da cultura, na modificação no espaço físico ou nas interações promovidas com seu grupo de crianças e pares educativos.

Quando as crianças encontram os objetos ao alcance dos olhos e das mãos engendram muitas descobertas. Quando os adultos compreendem o espaço como elemento importante para o seu trabalho docente, o transformam. Mas não sozinhos, para e com as crianças!

Referências

ARCE, A.; SIMÃO, R. A psicogênese da brincadeira de papéis sociais e/ou jogo protagonizado na psicologia do jogo de D. B. Elkonin. In: ARCE, A.; DUARTE, N. (Org.). **Brincadeira de papéis sociais na educação infantil: as contribuições de Vigotski, Leontiev e Elkonin**. São Paulo: Xamã, 2006. p. 65-88.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Brinquedos, brincadeiras e**

materiais para bebês: manual de orientação pedagógica: módulo 2. Brasília: MEC/SEB, 2012.

BRASIL. **Organização do espaço físico, dos brinquedos e materiais para bebê e crianças pequenas: manual de orientação pedagógica:** módulo 4. Brasília: MEC/SEB, 2012.

ELKONIN, D. **Sobre El problema de la periodización del desarrollo psíquico en la infancia.** In: DAVÍDOV, V.; SHUARE, M. (Org.) *La psicología evolutiva e pedagógica en la URSS: Antología.* Moscú, URSS: Editorial Progreso, 1987. p. 104-124.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores e aromas:** a organização do espaço na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FARIAS, Cristiane Dos Santos. **Periodização do Desenvolvimento.** In: LONDRINA. Diretrizes Curriculares.2016.

MAGALHÃES, Cassiana; EIDT, Nádia Mara. **Desenvolvimento psíquico da criança de zero a três anos de idade à luz da psicologia Histórico-Cultural.** VI CIPSI Congresso Internacional de Psicologia na UEM, 2015. Disponível em: < <http://www.eventos.uem.br/index.php/cipsi/2012/paper/viewFile/606/459>. Acesso em 23/02/17

MAGALHÃES, Cassiana; LAZARETTI, L. M.; PINHEIRO, N. M. E. **Os bebês e o cesto de possibilidades: uma relação de descobertas, encantos e aprendizagens.** In: VII CONGRESSO PAULISTA DE EDUCAÇÃO INFANTIL – III SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL - Educação Infantil e resistência: os lugares das infâncias na educação e nas lutas políticas. SÃO CARLOS: UFSCAR, 2015. v. 2. p. 376-388.

MELLO, S. A.. **Os Bebês como sujeitos no cuidado e educação na escola infantil.** Magistério, v. 1, p. 46-53, 2014.

MUKHINA, Valeria. **Psicologia da idade pré-escolar.** Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PASQUALINI, J. **Periodização do desenvolvimento psíquico à luz da Escola de Vigotski: a teoria histórico-cultural do desenvolvimento infantil e suas implicações pedagógicas.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722009000100005&script=sci_arttext > Acesso em 28/02/2017.

SOUZA, Renata Junqueira de; HERNANDES, Elianeth Dias Kanthack; SILVA, Isabela Fernanda Roberto da; **A organização do espaço escolar na educação infantil.** Revista Zero-a-seis. 2016.

VIEIRA, Daniele Marques. **A constituição do eu e o espaço pedagógico na educação infantil: formação para a docência.** X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. PUC, 2011.

VIEIRA, Eliza Reverso. **A reorganização do espaço da sala de educação infantil: uma experiência concreta à luz da Teoria Histórico-Cultural.** 2009. 123 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001. Tradução de Paulo Bezerra.